

Arte e Ciência de obter imagens permanentes mediante substâncias que se transformam sob a ação da luz (brometo de prata, etc..) p.19

Meios de obtenção:

- 1- Captação da imagem do objeto mediante câmara (exposição).
- 2- Revelação da placa do filme em um banho revelado sob luz vermelha, verde ou no escuro, de acordo com o tipo de placa ou filme, que torna visível o processo (decomposição dos sais de prata da camada sensível); as partes claras se tornam escuras, as escuras se tornam claras e o negativo.
- 3- Obtenção da imagem sobre papel (positivo) por cópia de contato ou projeção do negativo sobre papel sensível à luz.
- 4- Estabilização à luz de positivos e negativos mediante um banho fixador (dissolução do brometo de prata). A sensibilidade de placas e filmes é indicada em graus DIN. As objetivas (sistemas de lente) determinam o rendimento por luminosidade, distância focal e correção ótica (aplanático, anastigmático). Os obturadores podem ser de setores ou de cortina. O diafragma mede a abertura da luz.

Fotografia: “Algo pode ser **Arte e Ciência** ao mesmo tempo?”

Poderíamos incluí-la ainda em um terceiro gênero: **Tecnologia**? Quando Arte?

Arte: é uma atividade criadora humana que , sem nenhum objetivo prático, tenta representar as experiências de uma comunidade ou de um indivíduo e dar expressão sensível ao supras sensorial. Abarca a Poesia, a Música, a Pintura, a Arquitetura e a Escultura, a Dança e o Teatro. p 20

Ciência: trabalho metódico de pesquisa e conhecimento que dele resulta.

Divide-se em dois grupos: as ciências do espírito e as ciências naturais.

As *ciências do espírito* são: Teologia, Filosofia. História, Filologia, Arte, Direito, Matemática, Sociologia.

As *ciências naturais*, que se ocupam da natureza animada e inanimada, tentam captar a forma e a função das coisas, mas não seu ser e sua essência (metafísica). A única natureza corresponde também uma única ciência, embora na prática ela se ramifique de acordo com os diversos territórios de pesquisa (física, química, astronomia, meteorologia, geologia, biologia, botânica, et...) na realidade, as ciências se distinguem por seus métodos, mas todas se unem no esforço de alcançar a unidade do saber.

As ciências do espírito buscam compreender e as da natureza explicar.

Fotografia como ciência porque explica, capta a forma das coisas e pode ser entendida como trabalho metódico de pesquisa e conhecimento.

ARTE = BELEZA, ARTE= DESTREZA, FOTOGRAFIA= CÂMARA p.23

Observamos que na definição de Pintura utiliza-se a palavra “**Representação**”, enquanto na Fotografia utiliza-se a palavra “**Imagem**”.

- A construtividade manual da pintura é igual a **Trabalho**.

- O caráter mecânico da fotografia é **Automático**.

A primeira **FAZ** e segunda **TIRA**.

Pintar é igual a fazer um “quadro”

Fotografar é igual a “tirar” uma foto, ou ainda “roubar” uma imagem da realidade.

“A FOTOGRAFIA ROUBA A ALMA” p.24 e 25.

Para John Berger: a imagem fotográfica se produz instantaneamente mediante a reflexão da luz, sua formação não está impregnada nem de experiência nem de consciência. (analógica). Para John Szarkowski: a invenção da fotografia produziu um processo de captura de imagens radicalmente novo, um processo que não se baseava na síntese e sim, na seleção. A diferença era básica, as pinturas eram feitas [...] mas as fotografias eram tiradas (digital).

DESLOCAMENTO DA REALIDADE PARA O PLANO IMAGÉTICO

A Fotografia produz imagens, da imagem; a Gravura constrói imagens a partir da não imagem. **Trajeto** é igual a **Conhecimento**

Conhecimento enquanto **processo** e enquanto **produto**.

O conhecimento é uma realidade complexa que, entre outras características, apresenta duas facetas básicas: Produto e Processo. O conhecimento é ao mesmo tempo produto e processo.

Hilton Japlassu sugere a coexistência de duas facetas básicas do conhecimento: “o conhecimento-estado e o conhecimento-processo”. É estado enquanto é produto de investigação sobre o real e é processo enquanto trajetória, sempre provisória, de desenvolvimento do real. Na condição de produto, a ciência é neutra, objetiva e impessoal; na condição de processo, ela é parcial, subjetiva, condicionada sócio-cultural e psicologicamente.

Giulio Argan: sustenta-se que arte, como todas as demais atividades, deve contribuir para a transformação das estruturas sociais com a sua própria transformação. **Tirar = Transformar**.

Transformar é igual a tornar diferente, mudar, fazer mudar de estado, aspecto. Fazer mudar o estado moral ou físico das coisas e pessoas.

Transfigurar dar nova forma, ou ainda, converter, metamorfosear, transmutar e transmutar, que por sua vez é igual a **METAMORFOSE: ESCHER E KAFKA**.

AS DEFINIÇÕES DA FOTOGRAFIA:

“Ó necessidade maravilhosa [...], ó processo poderoso [...] Eis as figuras, eis as cores, eis as imagens e todas as partes do universo, reduzidas a um só ponto [...] As formas perdidas podem ser recriadas e reconstituídas na imagem que se forma da abertura estenopeica”. *Leonardo da Vinci em Tratado da Pintura C.A 345b*.

Câmara é igual a ação de tirar fotografias ou não ao objeto.

Fotografia é igual a imagem produzida por uma câmara.

Equivalência entre fotografia e câmara = câmara + luz + materiais fotossensíveis + processo no laboratório.

A Fotografia é geralmente entendida como técnica e não como meio.

Se a Fotografia é inventada, é porque surge uma necessidade crescente de realismo que a pintura não resolve satisfatoriamente.

A Pintura está morta? _ mentira. O Realismo na Pintura é que acabou.

Fotografia como espécie (técnica de representação) e que pertence a algum gênero (Arte ou Ciência).

“A Fotografia pura não é um sistema para a representação da forma, e sim a negação de todos os sistemas representativos. É o meio pelo qual o homem de instinto, razão e experiência, se aproxima da natureza para acender a evidência da realidade.” *Marius de Zayas “Photography and Artistic Photography. Op. Cit.p130*

_defende a autonomia da fotografia; dá a ela um status de gênero à parte.

_a Fotografia não é uma arte, mas as fotografias podem se fazer Arte.

_não é o gênero Arte que contém a Espécie Fotografia, mas sim, o Gênero Fotografia que pode incluir a Arte. A mesma operação pode ser feita com a ciência.

_a Fotografia é a ciência experimental da forma. Seu propósito é encontrar e determinar a objetividade da forma.

Tipo = indica a qualidade técnica de impressão.

Kálos/Beleza = indica uma intenção artística

Calotipo de Talbot

[...] Se a Fotografia se integra à imprensa, à tecnologia ou à pesquisa, funcionará como ciência, se por outro lado, for contemplada dentro de um contexto museístico, funcionará como arte, e se finalmente for distribuída, por meio de canais políticos e /ou publicitários, funcionará como Ética.

_Aristóteles, por Mas Weber, que substituem a região e a metafísica na era moderna.

_Walter Benjamin atribui à fotografia a ampliação do horizonte humano: *Pequena História de la Fotografia 2004*

Para Uiara Bartira: “A Fotografia é a realidade depois do Ponto de Fuga da Linha do horizonte”.

A câmara de grande formato. A arte de Hasselblad. A Fotografia estenopeica (confunde o meio com a técnica).

A CÂMARA: Obturador aberto = registro.

“Os aparelhos são caixas pretas que simulam o pensamento humano enquanto jogo que combina símbolos; os aparelhos são caixas – pretas que brincam de pensar”. *Vilém Flusser*.

A Câmara e Fotografia são produtos diretos da necessidade capitalista de um mercado de concorrência e consumo baseado na reprodutibilidade, no automatismo e na mecanicidade, estendido ao âmbito da produção de imagens.

A Câmara é igual a velocidade, exatidão, automatismo ou reprodutibilidade; tem o interesse inicial científico e objetivo epistemológico. É uma maquete do olho pois tem a estrutura analógica ao órgão da visão humana: o pequeno orifício ou estenopo = pupila, a caixa escura = globo do olho e o plano onde se forma a imagem, que é a retina.

A Luz – Visão; racionalidade, ordem, que se manifesta na matemática, na arte e na arquitetura.

O Olho Apolíneo Ocidental no Egito e na Grécia; o olho de Horus, que é representado pelo Triângulo Pictórico” O/, igual ao “número de ouro” ou abstração gráfica desse olho.

Visão e Razão na cultura grega com Platão ou a Ideia / VID em latim que seria a ideia de “ver a realidade através da “Imagem do espírito” ou Ícone.

COSMOVISÃO, por uma ordem matemática.

Câmara, como representação simbólica do cosmos.

Lugar e as posições do observador, isto é , Sujeito / Mundo e Objeto.

Diafragma como janela aberta para o mundo.

A Figura do quadro, que é igual as imagens da Visão objetiva.

A Câmara como modelo epistemológico, ou visão objetiva e o **sistema de perspectiva de Alberti**.

ARTE FLAMENCA: Vermeer, Dürer, Canaletto, os Vedutisti italianos.

INGLESES: pintores da tradição topográfica.

DESCARTES e LOCKE: servem-se dela como exemplo analógico da mente humana.

MEDITAÇÃO: “agora fecharei meus olhos, interromperei meus ouvidos, não prestarei atenção ao produto de meus sentidos”.

Santo Inácio cria uma ligação com Deus por meio das imagens ou da Imaginação.

Descartes escapa das inseguranças da visão humana para encontrar a base de um conhecimento objetivo puro.

A Busca cartesiana de conhecimento é compatível com a objetualidade/objetividade da câmara escura, mas não com a densidade e a instabilidade da percepção visual.

“Enxergamos através de janelas e estruturamos nosso olhar em quadros”

David Hockney diz: Nossas representações do mundo são janelas, e não portas de acesso livre e voluntário a este?

Para **Descartes** e sua filosofia há uma demarcação entre polo pensante (o sujeito, a mente) e o polo pensado (a natureza, o corpo). Visão de corpo como máquina.

Leibniz concorda com Descartes mas verá na natureza o modelo mecânico perfeito.

Apolo: Deus da beleza, da harmonia e da luz.

Dionísio: das plantas, do teatro, e da morte.

Apolíneo = Dualidade: o número, a proporção, a mente, a ciência e o controle. Poder e controle do gênero masculino, funções do lado esquerdo do cérebro, grupos políticos, sociais e radicais, dominantes, etc... Ainda, o luminoso, o preciso, o objetivo, e o mecânico.

Dionisiaco = o que escapa ao controle: tudo que é indomável ou carece de estrutura lógica. Lado direito do cérebro, o feminino. A arte como oposto da ciência, etc... Ainda, o escuro, o difuso, o subjetivo e o manual.

“A Câmara como instrumento de poder”.

_ Correspondências metafóricas > A Câmara se torna arma, a ação vira caça e o fotógrafo em caçador. **Cartier Bresson** – **“Desejo de capturar”**

_ nas associações simbólicas > A ação é igual a conotações sexuais: a posse do fotógrafo caçador em relação à vítima equivale ao masculino / feminino, no ato sexual.

Segundo Flusser, Foucault, Baudrillard: o objetivo seria o comportamento automático de toda uma sociedade. Importância do automatismo da câmara: Quanto mais automática é a câmara, menos conta a ação do operador (e mais automática se torna a imagem). Melhores foto = precisão absoluta e transparência na apresentação e reprodução da imagem.

A FOTOGRAFIA COMO IMAGEM

“A imagem é sempre retrospectiva. É um espelho voltado para o passado. Um trinco não impede de sair, mas também me protege dos monstros da noite.” *Michel Tournier*

_em nossa cultura, a imagem é o equivalente, o vestígio ou o “índice de algo que existiu na realidade material.

Imago: em Roma (figura de cera que se moldava a partir do cadáver de uma pessoa).

Imago = dublê do corpo.

Eram feitos dois funerais, um para o corpo humano e outro para o dublê. O corpo era incinerado e enterrado. A imago, usado para deificação ou “Consagração”. Um segundo funeral da imago; simbolizava a passagem do profano- real ao divino espiritual. Os ossos desciam à terra, enquanto a imago ascendia ao céu no “funeral para a imagem” ou Funus Imaginarium (para os imperadores). Para as pessoas comuns, um só enterro- incineradas juntas.

A tumba representava a presença da pessoa morta no espaço dos vivos, mas deslocada de tempo destes. Não havendo corpo não há sepultura: a pessoa era então sepultada com um “Funus Imaginarium.”

Para os gregos; o ícone/Eikón é igual a imagem com o sentido de semelhança física.

Para os romanos: Imago como corpo. A presença não era fictícia, mas real.

A Imago não era uma representação do corpo realizada enquanto semelhança metafórica, como nos **ícones gregos** era sim uma presença de caráter metonímico, um vestígio do que existiu na **realidade material**. Para o romano, a presença física real e não, possível semelhança. **Marcas do corpo =Pé=Vestigium.**

Susan Sontag _ “Uma fotógrafa não é apenas uma imagem (no sentido em que uma pintura o é), uma interpretação do real; é também um vestígio, um rastro direto do real, como uma marca ou uma máscara mortuária: é a presença de algo em sua ausência.

Romana > Realidade como contingência.

Grega > Realidade como semelhança.

Para Barthes: mais do que traduzir a realidade, a fotografia é um rastro desta. Define ainda como “**uma mensagem sem código**”. Há uma ausência de marcas, portanto não pode ser considerada um **Signo**.

O significado da foto não está nela mesma, mas na realidade da qual ela surge, e da qual é contingente.

Analógico = Identidade

O Signo é Espirito

A Imagem é Matéria.

Imago, Spectrum, Matéria, Fascinação, Morte. Mais do que uma ilusão construída, a imagem fotográfica é um pedaço de realidade: matéria volumétrica de caráter tátil e de quatro dimensões.

Barthes: Não vemos o meio: só vemos a realidade. “Não vejo a imagem da coisa, mas a própria coisa”.

A Foto entendida como Imago, funciona como Tautologia: A realidade e sua impressão parecem idênticas. Portanto, podemos dizer que a fotografia não é uma representação, mas uma apresentação: Objeto, verdade, contingência pura, mas a própria coisa.

A FOTOGRAFIA COMO MEMÓRIA

[...] na Fotografia, nunca posso negar que a coisa esteve ali. Há uma dupla posição conjunta: de realidade e de passado[...] A câmara clara, Roland Barthes.

A Imagem fotográfica é o Imago contemporânea; os químicos fotossensíveis substituem a cera, e os objetos banhados de luz equivalem ao cadáver-modelo. Utilização social: a mesma – servir como testemunho de uma realidade que existiu.

Fotografia + Realidade = a Imagem como Índice.

A Relação = Contingência e a Função = Memória.

_a fotografia funciona como um equivalente físico e material da memória.

_memória > Raiz – men, que é igual a **Atividade Intelectual**.

_enquanto memória indica passado; o percepto assinala o presente: é a forma do percebido enquanto se o está percebendo. (Anterior à forma).

A imagem é o rastro que o percepto deixa na mente, quando a percepção é descontinuada.

_uma imagem é portanto, a impressão visual que fica em nossa mente, quando fechamos os olhos: só podemos vê-la por meio da memória “*Memória é trazer imagens à consciência.*”

Imaginação é a livre combinação dessas imagens, que como espectros projetam-se no fundo da nossa mente.

A memória é igual à assimilação do vivido e o processo de cognição. Processo seletivo das experiências vividas e sensoriais mais importantes.

Piaget: “*Só aquilo que tem algum tipo de utilidade se torna significativo – e memorável.*” _não percebemos o que não está na memória. Memória é um processo ativo e criativo. Perceber tem a mesma raiz que conceber ou COGITARE.

Percepção é tão transparente quanto uma lente ótica e também tão mecânica quanto uma câmara.

Percepção e visão têm os processos tão imediatos quanto análogos.

Imagens fotográficas são a memória materializada: A Fotografia era para a imagem da câmara, o que a memória era para o percepto. O Obturador e os olhos se mantêm abertos e fixos na coisa.

Percepto e Imagem são como o instante; Materialização mediante a fotografia, e a memória, uma luta contra o **Tempo** e a **Morte**. Aquilo que foi, resiste à morte, na imagem. Memória = Mental; Fotografia = material.

Oposta ao tempo, a memória é frágil.

Outros meios: Fotografia / Radiografia/ Digitalização, também transferem um meio físico para um meio visual. **A fotografia é a escrita da luz e não, escrever com a luz.**

“A fotos serviam para reforçar a memória dos artistas com relação ao detalhe das coisas”. Henri Matisse – 1908: “A fotografia pode nos proporcionar os mais valiosos documentos existentes.” Documento – do latim = Docere, que é igual a Ensinar.

Para São Tomás de Aquino: “Só se conhece e se acredita naquilo que se vê.”

A invenção da fotografia é um sintoma moderno e a mudança de uma sociedade textual para uma visual.

Para Flusser: É a revolução da textolatria para idolatria da imagem técnica = **O Detalhe**.

Para Benjamim : É a referência ao detalhe como um elemento central de diferença entre a Pintura e a Fotografia.

- Enquanto a Pintura contempla a realidade a distância, a fotografia “penetra profundamente na textura dos dados”. **Teleobjetiva é igual a Hiper-realidade.**

Foto não é mimética (ícone); Sim, é idolátrica (Eidolon), pois produz um efeito de substituição da realidade.

Para reflexão:

- As coisas são como são, e ponto: não têm experiência nem consciência. São denotação pura; Fenomenologia.
- O âmago do documentalismo não é a forma, o estilo ou o meio, mas o conteúdo, sempre.
- Nas imagens fotográficas, o conteúdo documental domina a representação.
- Na Pintura, se trata de algo construído, uma linguagem.
- Atrás de uma câmara sempre há “alguém” que decide como, quando e onde tirar uma foto.
- Não podemos deixar de observar um certo neoplatonismo no assunto
- Barthes: A Fotografia como mensagem sem código, em a Câmara Clara: define-a como Antológica.
- Sontag: Ética-política é igual a adequação da imagem com a verdade do documento registrado pela câmara.

Forma significativa de *Clive Bell*. *Gestalt de Arnheim*: É na essencialidade da forma que é gerada sua capacidade de elemento significativa.

Geralmente é chato ver os álbuns de outras pessoas: as situações são analógicas, e as imagens retóricas. Apensa os rostos mudam. Renunciamos ao desafio da imaginação para abrigar-nos na certeza do conhecido.

Flusser: Reestruturação mágica da realidade e pós-história. Surge um novo tipo de analfabetismo: o das imagens que são consumidas por meio da hipnose e da magia, que é igual a Documento da Realidade, uma memória.

A partir da experiência prática, sabemos que existe uma fotografia não fascinada com o dispositivo mimético, que transcende a imago metonímica e assume plenamente sua subjetividade: **A fotografia artística.**

A FOTOGRAFIA COMO ARTE

“Fotografia era sinônimo de cópia analógica: qualquer desvio do código de representação mimético era considerado defeito, um equívoco ou um produto defeituoso.

A inexatidão de Julia Margaret Cameron; sem intenção de realismo documental, senão artística.

O Documental versus o Artístico, a Ciência versus Arte; o Mecânico versus o Manual, a Cópia versus o Original, etc...

_por outro lado, a foto reproduz a realidade.

1. Potencialidade entendida como ciência
2. Expressividade como arte.
3. Ou, simplesmente tecnologia.

Ao adquirir sua “Aura”, a fotografia entrou nos museus. Arte com a minúsculo, portanto inconciliável com Arte com A maiúsculo.

Benjamin descreve a “Aura” em termos bastante vagos, como aparição inimitável de algo distante “ou como” uma trama muito especial de espaço e tempo. _do ponto de vista da abstração da teoria, não da prática técnica da fotografia. _presença de realidade é incompatível com a sintaxe. Portanto, entendemos a fotografia como continuidade da realidade (metonímia), e não como representação metafórica; expressão mínima.

_A presença de um autor traz a fotografia; a subjetividade expressiva ou artística.

A REALIDADE CONSTRUÍDA

“O AFOGADO”: *Performance fotográfica* e Autorretrato pós-moderno. Primeira performance fotográfica e primeira subversão da veracidade fotográfica em prol da legitimação de uma mentira.

_A fotografia funciona como testemunho da realidade, mas ao contrário também é certo; ela pode falsificar o testemunho.

_Na cultura ocidental, o natural ou o semelhante à percepção visual é visto como realista, outras culturas verão o natural como codificado. _A farsa depende de uma vontade de ficção.

_A fotografia desbanca a Pintura e as Artes Gráficas como meio documental.

Para *Charles Baudelaire*: (detrator da fotografia) como arte: “os fotógrafos abrem uma janela e todo espaço contido no retângulo da janela; as árvores, o céu e uma casa assumem o valor de um poema automático.”... e ainda: “o fotógrafo não pode ser um artista, pois está apenas abrindo uma janela para realidade!... O realismo – A Reprodução – é a antítese da imaginação: Apenas aquele que compõe pode acender à arte.

Nas teorias de Baudelaire, podemos identificar tanto as ideias românticas do artista criador quanto a noção de obra como algo espiritual.

Defeitos como virtudes: A Sintaxe de Impressão.

_[...] em Flandres, pintam coisas que os agradam para enganar o olho exterior _ *Michelangelo*

_um dos estímulos para pesquisa de Talbot e Niépce foi a falta de destreza para o desenho.

Talbot, na Inglaterra: o aspecto da reprodução obtida por “Impressão direta” da natureza tinha a capacidade de sugerir ou “expressar” tons e qualidade artísticas parecidas com os da Gravura e da Litografia.

“Desenho Fotogênico” que, reúne o sentido de beleza e a técnica de impressão, nome: CALOTIPO, ou o lápis da natureza; instinto na qualidade gráfica.

-Os impressores ingleses brincavam afirmando que o talento artístico de um água-fortista se media pelo número de cópias diferentes que conseguia, da mesma chapa.

_No auge da arte moderna (comercialmente), os monotipos e as provas de artista serão mais valiosos do que as cópias seriadas, iguais, da edição regular. Desde a perspectiva renascentista, até a impressão Litográfica de Senefelder- Século XVII.

_Uma Gravura de Rembrandt era considerada mais próxima do artístico do que uma Dürer, por sua maior carga expressiva e por uma sintaxe técnica (a água forte, era meno precisa do que a Gravura a Butil).

_Tratado publicado em 1645, o técnico e gravurista Bosse, tenta propor uma sintaxe da gravura _mais fiel e um maior número de cópias iguais. **Bosse e a Reprodutibilidade.**

Talbot, inventa as telas quadriculadas, em 1852, o primeiro método Fotogravura; experimento de Mungo Ponton e na sensibilidade dos compostos de cromo.

Dupla exposição com uma tela de rede (quadriculada) ou cobria a placa exposta com uma camada de resina (tela de meio-tom).

A **Fotogravura** como conhecemos agora, no entanto foi inventada por Karl Klic, na Áustria em 1979. Método mais fino de reproduzir uma fotografia: a base é a técnica de Talbot e a de carvão de Swan. 1.

William Ivins, Diretor do Departamento de Impressões do Metropolitan Museum of New York > Livro, Imagem impressa e Conhecimento. Análise da Imagem Pré-fotográfica 1953 < termo sintaxe> Elementos concretos da Linguagem Técnica de cada uma das Artes Gráficas. 50 anos à frente do gabinete, populariza a Terminologia Linguística e mais, trabalha na classificação das diferentes técnicas de Impressão de acordo com períodos e estilos.

Ivins cunhou uma linguagem precisa para se referir a uma série de traços específicos que, segundo ele, correspondiam a uma qualidade visual determinada. A partir de uma análise da qualidade das linhas, determina a diferença entre uma Gravura de Mantegna e uma de Dürer.

Para Ivins, a fotografia e os processos fotomecânicos não tinham sintaxe, tal como a mensagem sem código de Barthes. Com a lupa pode-se distinguir sintaxe também na Impressão fotográfica antiga.

(importante ver as imagens dos artistas citados abaixo);

Quimigramas = Pierre Cordier

Fotografima = Pere Catalã Roca

Fotografias Manipuladas = mistas de dripping revelador, fixador, de: Sigmar Polke, Anselm Kiefer, Gerard Suter, Joan Fontcuberta, etc.

Manipulações de polaridade = de Lucas de Samaras e Paolo Gioli

Cianotipias = de Robert Fichter

Borrachas Bicromatadas = Todd Walker, Betty Hahn, Jordi Guillumet

Fotogravuras = Kiki Smith, Luis González – Palma

Calotipos = Marti Llorens.

Fotocópias = Rita de Witt

Impressões de sublimação de tinta = Robert Heineken, Pedro Meyer

A Fotografia de Aura = fazem com que ela se torne parecida demais com a Pintura.

A SINTAXE DA CÂMARA

[...] USA A OBJETIVIDADE DA FORMA PARA EXPRESSAR UMA IDEIA PRÉ CONCEBIDA QUE TRANSMUTA UMA EMOÇÃO. *Marius de Zayas*, 1913

Esgota-se a proposta Pictorialista

Sieglitz e Steichen buscam uma linguagem nova. A foto se instala em plena crise moderna: “ A teoria moderna da fotografia surge do questionamento da essência do fotográfico; isto é, de uma sintaxe exclusiva do meio.

Muitas correntes acontecem;

1. USA – Enquadramento ou forma significativa: Clive Bell e Objetividade = Marius de Zayas; Anselm Adams = perfeição visual e a limpeza compositiva; Fotografia Pura = Futura fotografia do museu.
2. Corrente Europeia = maneira mais heterogênea; “ A Vanguarda”, fascinada pela mecanicidade do novo meio – “Estética da Máquina”.
3. Para Mondrian: A mecanicidade implica purificação e essencialidade. Tempo/Espaço= Ciência e Filosofia = início do Século XX.

Nova Visão ou Nova Objetividade = Moholy Nagy – autor de Pintura, Fotografia e Cinema: “O analfabeto do futuro será aquele que desconhece o meio fotográfico”. (Fotogramas, 1923-25).

Moholy Nagy e ManRay = Abstração na linguagem fotográfica.

“A luz como recurso essencial da fotografia”

Construtivistas: Rothenko, Rösler, Tato, Petry

Futuristas: Severini, Balla

Henry Bergson: Livro “A evolução criadora” e Einstein: “A Relatividade”

Século XX: A sintaxe da Câmara se integra à Linguagem Fotográfica > para alcançar o discurso autônomo da fotografia como gênero (fotografia com F maiúsculo).

_VOCABULARIO DA ARTISTICIDADE FOTOGRÁFICA = desfocadas, dupla-exposição, enquadramentos, falhos ou “cortados”, etc, que perfaz a Tecnologia e a Pesquisa Científica.

UMA NATUREZA HÍBRIDA

“Fotografo o que eu não quero pintar e pinto o que não posso fotografar” ManRay, pintor que setornou fotógrafo.

_o eixo da arte não é mais o domínio da Tekhné ou o ars de um gênero; mas a criação. _alguns artistas trabalham a fotografia e a pintura.

_a fotomontagem supera em muito a de um mero recurso de artistificação.

_juízo estético (*em um sentido Kantiano muito estrito*), uma crítica sociocultural (*em um sentido materialista*) e uma linguagem (*em um sentido semiológico*).

ARTE = FAZER, que também é O QUE FAZER

Sempre escolher *Marcel Duchamp* ; Pintura – fazer; Fotografia – Tirar: O artista não inventa nada, apenas usa, manipula, desloca, reformula, ou reposiciona o que a história lhe deu.

Shlegel: a Arte é praticamente puro conceito. Arte contemporânea não é o belo, mas o característico, o interessante e o filosófico.

Duchamp arremete a arte pela arte; desmascara a ficção de uma linguagem artística.

No nível semiológico a estratégia de Duchamp não é uma operação de Metalinguagem, mas de uma linguagem: afeta o gênero (A arte) e não a espécie (A Pintura, A Fotografia).

Duchamp = Ao Político, não ao Estético... se não há nada no objeto que justifique sua artisticidade, por que fazê-lo?

Novo Conceito: O espectador não apenas sente e recebe, mas também escolhe e interpreta.

Interpretação vanguardista de Baudelaire, que via no realismo, a morte da Arte. ...”Então (o artista) abre uma janela e todo o espaço contido no retângulo desta, árvores, céus e casas, assume para o artista, o valor de um poema automático, já pronto. Peter Galassi, op.lit.p28.

A frase de Baudelaire é de 1859; o “Urinol” de Duchamp é de 1917 = 60 anos

Os fotógrafos adotam Baudelaire (valores) e se afastam do Realismo.

_O Surrealismo adota a fotografia; preferem a percepção direta, “a verdadeira fotografia do pensamento”.

Fotografia = “mensagem sem código”, considerada pelos surrealistas, o equivalente visual da escrita automática (Barthes); o Surrealismo entenderá a fotografia a partir de sua qualidade de “IMAGO”.

Enquanto os Futuristas (Marinetti) desprezavam a fotografia por seu realismo, os surrealistas a apreciam justamente por sua proximidade do real, diferenciando claramente sua função metonímica (presença ou imago) de sua função metafórica (representação ou ícone).

Breton: Objeto = (Imago); representação = (Ícone)

Os Surrealistas valorizam o automatismo do meio porque o equipararam com a parte “inconsciente” de toda expressão = **O Acaso**.

O inconsciente se expressa “sozinho”.

Exemplos:

- 1- Esculturas involuntárias de Bressai 1933 = representam objetos pequenos e sem importância; papéis amassados, bilhetes de metrô, cascas de sementes, encontrados no bolso.
- 2- Fotos da série Grafittis de Bressai = Criação urbana anônima e a estética vanguardista.

Os objetos são protagonistas de uma circunstância do acaso: a união das coisas não são deliberadas, mas encontradas. O Surrealismo não é inventado; já está ali: A fotografia surrealista traz duas grandes contribuições para a fotografia no tocante à artisticidade.

Em primeiro lugar; reaviva o caráter documental da fotografia como valor artístico, que é igual ao mágico circunstancial e a beleza convulsiva.

Segundo lugar; manifesta a contradição ontológica no meio fotográfico. (Caráter real, Caráter construído, de representação; Signo e ícone).

Tirar é fazer, porque fazer é escolher_ Duchamp.

A Fotografia Pictorialista é igual a Sintaxe de Impressão.

A Fotografia Formalista é igual a Sintaxe da Câmara.

A Vanguarda submete a Fotografia à Arte Conceitual

Fotomontagem = recicla imagens já feitas

O surrealismo reavalia obras documentais que depois coloca sobre o artístico.

Pensamentos analíticos:

-a partir das vanguardas; já não é preciso criar; é preciso escolher, encontrar ou colocar.
Szarkowski/MoMa

_a história da fotografia de arte é extraordinário livro de imagens. *Marvin H.eiferman*

_barateamento; ao entrar no museu, as imagens fotográficas se tornam herméticas ou indecifráveis para o público em geral. *Flusser*

_mais do que mudar a base de avaliação da arte tradicional, a fotografia conseguiu inserir a cultura de massas no museu. Pós – Modernidade, Pós – Pintura e Pós – Fotografia.

_a crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo ainda pode nascer. E enquanto isso aparece, uma grande variedade de sintomas mórbidos. *Antônio Gramsci*.

_o material tinta pelo tubo de tinta. Duchamp: A Pintura volta a impor o textual ao pictórico.

O Século XX e os diferentes movimentos de arte, no lugar dos “ismos”: Arte Conceitual, OP Art, Pop Art, Arte Minimalista e outros.

Desde as vanguardas, o panorama é de uma miscelânea de ideias, crenças e práticas, presas entre a **Modernidade e a Pós-Modernidade**.

A PINTURA E A FOTOGRAFIA

M de MUSEU + BEAUTIFUL MoMa_NOS ENSINOU A VER O SEC XX.

Herbert Marcuse, Jürgen Habermas e Peter Bürger = Falt de completude da modernidade como projeto histórico (mas não estético).

Arte Moderna + Formalista = Grenberg

Rebeldia vanguardista = Plano teórico/ estético e não um plano prático/ político: sua inclusão no museu, não deixa de nos parecer lógica.

Duchamp coloca em evidência o processo de fetichização no museu ... e mais: Joseph KOSUTH, Joseph BEUYS, Piero MANZONI e Bruce NAUMAN.

A verdadeira crítica consistiu em renunciar ao mundo da arte, e não em querer modificá-lo ou criticá-lo. AntiArte.

A convivência nos museus dos herdeiros de Bonnard e Matisse (Motherwell, Stella, Francis, Rothko),... os vanguardistas, críticos do caráter burguês da arte, e sua alienação da teoria e da práxis. Duchamp e seus sucessores (manejo conceitual, linguístico e transgenérico da arte), e, os artistas das últimas tendências pós-moderna (que bebem um pouco de todos, com uma tendência pós-estruturalista). Sujeito / Objeto, Teoria / Praxis, etc.

Os museus de fins do século XX; o espaço dialético de convivência de opostos: A Pintura – gênero moderno de “Arte de museu” por excelência, ao lado da Fotografia, aquela técnica de reprodução mecânica que DeLaRoche, Baudelaire e Benjamin viam como ameaça à própria Pintura a à arstisticidade.

1. Benjamin e Malraux: falam da alienação inevitável que implica colocar o objeto no museu. (homogeneizante).
2. Propulan: Goethe = separação do objeto om seu contexto.
3. Adorno: conotação morte, no museal.
4. Marcuse: cultura de massas
5. Foucault: o objeto de museu como objeto arqueológico ou Heterotopia
6. Todos concordam ao ver a museidade como alienação definitiva do objeto da esfera (Práxis) e uma inserção da estética (Teoria).

Pergunta chave na crítica Pós-moderna = a questão do **Outro**

T de TEXTO

“Não somos nós que dizemos as palavras, são as palavras que nos dizem a nó mesmos [...] O casamento, Wituld Gombrowicz. 1947

Duchamp e fotografia como atos linguísticos. 1. Na Pintura (forma, luz, cor, plano) e 2. Na Fotografia (luz, Tom, Ponto de vista, Enquadramento).

“Arte é o que eu digo que é arte”

Donald Judd 1965: “não arte” ou “anti arte”, “Arte da não arte! E “ arte da Antiarte”, tudo é inútil: Se alguém diz que seu trabalho é arte, então é arte.

Atrás disso sempre está o quê (A ideologia), ou quem (uma pessoa, grupo ou instituição).

Pós-estruturalismo: versões psicanalíticas (Lacan) e o teórico – literário (Barthes, Derrida).

Roland Barthes: A obra é concebida, enquanto texto, como “o espaço entre o objeto e o leitor / espectador”. O olho – situação textual = a partir da colaboração do autor e do espectador em um contexto social predeterminado. Espectador/Leitor.

Hermenêutica = Intentio auctoris (intenção do autor).
 Intentio lectoris (intenção do leitor)

Duchamp = Intentio Operis – Mistura ativa e híbrida dos polos: autor /leitor
Obras abertas > tendentes à equívocidade e conceitos de representação e interpretação; unívocos, com síntese e redução hermenêutica da realidade.

Para *Derrida* , é “logocêntrica” > Homem da massa: Ortega Y Gasset; Homem unidimensional: Marcuse.

Representação em si = tirania do significado

Política da Representação = Tirania do significante.

Pós moderno é uma crítica de ideologia. Reproduzem os valores. Pós-modernos eurocêntricos: capitalistas, classistas, machistas, heterossexuais, etc. *Derrida*.

Hieróglifos _ Barthes, que é igual a estar fora da linguagem e do pensamento.

Discursivos_Diderot, que não é linear, mas por saltos; pode ser superada por meio da portização da linguagem, que faz com que as palavras percam peso e deem lugar as imagens.

Para Horácio: é arte literária com influência pictórica

Barthes: A mensagem fotográfica 1960

O terceiro sentido 1970

Diderot, Brecht, Eisenstein 1973

A Câmara clara – 1980 = Punctum ao fotográfico

“A diferença entre a fotografia e arte feita na fotografia é a mesma que existe entre 300 e 10000 dólares.”

A de AUTOR

“O jovem artista de hoje não precisa dizer “sou um pintor”, simplesmente que é um artista” Allan Kaprow.

Conceito de gênio: é o conceito de criatividade e progressivo desenvolvimento de uma ideologia do subjetivo, do ideal moderno da “pessoa”.

Gênio é a estética do sublime, mais a consolidação de uma crescente classe social burguesa baseado no ideal democrático; liberal da Revolução Francesa e da Guerra da Independência dos Estados Unidos.

Filosofia: Racionalista de Kant; Irracionalista de Hamann

Arte pela Arte – Séc XIX. Ex. Picasso = “O artista por excelência”

Berger: “Picasso revela ser um ser humano ambicioso, misógino, possessivo, etc... Arte Moderna = UM AUTOR

“Os artistas modernos são, ao mesmo tempo, fontes de juízo e anjos em queda livre: mais do que da obra, cada vez mais estética e hermenêutica = uma nova teoria ontológica, deixada pela representação.

Benjamin Buchloh = Retorno da figuração na Pintura Europeia = Pinturas abstratas e figurativas de Severini (1914 e 1916), Carra (1914 e 1919), Picabia (1919 e 1923), Schad (1920 e 1927), Malevich (1920 e 1933) e Rothenko (1920 e 1935).

Leva-nos a perceber a imensa debilidade da Pintura Moderna, quando esta tenta se afirmar ontologicamente como algo não representativo.

A imagem do artista moderno é, portanto a de “um sujeito fraco”, que por um lado, está preso nas condicionantes ideológicas por meio da linguagem, e por outro lado, é submetido as suas próprias pulsões inconscientes.

Argumentos linguísticos de Derrida e Barthes, Psicanalíticos de Lacan e Sociopolíticos de Foucault.

As teorias anti-humanistas de Althusser; desenham a imagem de um autor moderno e pós-moderno cada vez mais fraco.

Roland Barthes coloca em dúvida a possibilidade de um EU. O EU já existe antes do texto; já é uma pluralidade de outros textos.

_a subjetividade é uma imagem plena; é uma marca de todos os códigos; e no fim das coisas, a mesma generalidade dos estereótipos.

_o autor é um deus (seu lugar de origem é o significado); quanto ao crítico, ele é só o sacerdote atento a decifrar a escrita do deus. RB México – séc. XXI editores 1985.

Séc. XX: pensamento anti-humanista de Heidegger : O homem possuidor da Palavra.

_o Humanismo começa com Platão, que é igual ao falso conceito de Logos, como representação. A união da teoria e Praxis. O pós-moderno, que impede o homem de pensar. Pensamento niilista de Nietzsche, que é a recusa a violência da metafísica e que está também em Adorno: “A Metafísica como vontade de poder”; ainda afirma que a metafísica produz Auschwitz e o faz porque acompanha a ciência que possibilita a execução.

_a Metafísica funde-se com a crítica do pós-estruturalismo à estética da visão objetiva qualificada por Derrida de “logocêntrica” Segundo ele, a metafísica da Presença parece reconstruir o significado; uma ilusão, pois a interpretação, como na colagem, e um número interminável de possibilidades de sequência. _ *uma obra é uma citação de uma citação.*

Outros recursos pós-modernos: a citação; a alegoria, e o pastiche.

No moderno: um homem pode ser artista e tornar-se gênese de avaliação da obra; uma mulher, não. Freud explica a “fetichização” como um processo exclusivo do homem. Pós modernidade = teorias feministas.

G.de Gênero.

O autor = o artista = faz arte.

Sou artista E pintor ou Fotógrafo. Processos de linguagem.

A sobrevivência dos gêneros autônomos como valores modernos = Linha do pensamento humanista. Metarrelatos como metafísica e estética.

_entre mente e corpo, a arte se apresenta desde o romantismo como ligação entre eles.

_na estética de Schelling: captar a unidade absoluta de sujeito, objeto, natureza, e história, liberdade e necessidade.

_na Arte Moderna: estética idealista, o autor como entidade “centrada em si mesma”.

_as bugigangas de Beuys funcionará no sistema museu, porque transferem sua qualidade simbólica e espiritual para uma condição material e econômica, concreta.

_os gêneros artísticos continuam sendo um dos fatores mais importantes de definição das hierarquias estéticas e econômicas dos objetos artísticos.

_valor estético e econômico da Pintura sobre a Fotografia. A valorização da Pintura (valor comercial), resultado do desenvolvimento de uma burguesia em oposição à arte real e / ou religiosa é simultânea ao desenvolvimento de formas pictóricas portáteis e autográficas. O quadro facilita a circulação da pintura.

A qualidade melhor ou pior. A Quantidade melhor ou pior de trabalho.

Szarkowski: o fazer da Pintura e o tirar da Fotografia. Pintura é igual ao valor do trabalho da Fotografia. A fotografia tem o valor de apropriação ou roubo. O malandro que cobra em trabalhar.

_a presença física da Pintura se desprende da luta corporal, quase sexual, do autor com a matéria; equivale ao nível simbólico, a domesticação da natureza pelo homem.

_o criador é sempre o Pai. Sistema paternalista, machista e homofóbico. Pode um homossexual assumido exercer esse papel?

_pintura ou fotografia ligado ao seu caráter museográfico. Críticos dos anos 1970, sobre “A iminente morte anunciada da Pintura”. Os pintores deixam de ser considerados como tal ao pular do gênero Pintura para o novo gênero de Arte Minimalista.

Kosuth: A pintura é uma simples técnica.

Duchamp: Querem pintura?... dou-lhes tinta.

_o valor da obra é dentro do museu, fora do museu ou meio artístico as obras são apenas objetos do espectador e a ser vista apenas como o eu são: Objetos.

P DE PÓS-MODERNO, PROBLEMA, PRÁTICA, POESIA

A história acontece duas vezes: A primeira como tragédia, a segunda como farsa. Karl Marx.

Roland Barthes: complexidade da produção Pós-moderna

Em a morte do autor = **o óbvio e o obtuso**

O óbvio é a parte da linguagem, compartilhada por todos; **cultural e paradigmática**.

O obtuso é aquilo que escapa à compreensão imediata e que se refugia na **subjetividade da experiência**.

Dos gregos:

1. A oposição da linguagem verbal
2. A linguagem escrita

Subjetividade / verdade = presença verdadeira, instante ; Diderot e o conceito de instante perfeito.

Legibilidade / Construtibilidade = texto escrito, artificialmente construído; Lessing e o momento pregnante com o conceito de “Hieróglifo”.

A Câmara clara e a estratégia analógica, sintética e poética; seu conceito de Punctum, que é o conceito de Hieróglifo”.

O Obtuso , o *Punctum* e o Hieróglifo: aborda o polo de subjetividade e a verdade da linguagem. DISCURSO.

O Óbvio e o Studium se equivalem. LATÊNCIA.

Na cultura Pós-moderna, o indivíduo se vê reduzido a um sujeito ontologicamente “Fraco”, que não consegue se afirmar completamente por meio de cair no univocismo totalizador do pensamento relacionista contra o qual ele se rebelou.

ASPECTO DO POETA

Recurso retórico:

A Alegoria (Barthes, Owens)

O simulacro (Baudrillard)

O Híbrido (Crimp)

O Pastiche (Jamison)

A Apropriação (Kruger)

O Punctum ganha do Studium e a prática supera a teoria; o Obtuso perde para o óbvio. O poeta vence o terrorista.

_mensagem sem código (Imago); apenas ficção. “A fotografia enquanto imagem, nunca deixou de ser cópia, a aparência, metáfora, re-presentação”.

_o Punctum é igual a “Instantes Decisivos”.

O cultural (ficção de realidade) e o pessoal (realidade vivida). Unir Vida e Arte

Arte feminina não como gênero e sim uma política feminista em torno da Produção Artística.

_o Eurocentrismo, o racismo, o classicismo, a homofobia, etc... As Guerrilhas Girls; a crítica feminina, homossexual/lésbica.

“A arte para o povo” soa, da perspectiva Pós-Moderna, como uma rançosa herança de outros tempos.

Meios Digitais:

Ter uma Aura <http://www> : Poderia muito bem significar estar na “máquina panóptica” e Foucault descreve “presos em um mecanismo do qual somos parte e cujos efeitos atraímos para nós mesmos.”

Barbara Kruger, Jenny Holzer, Jo Spence, Mary Kelly _ teoria psicanalítica de Freud.

Teorias de Lacan, Melanie Klein, Maud Mannoni, Michle Montrelay e Julia Kristeva: Ray Barrie, Karen Knorr, Judith Krowle, Olivier Richon, Mitra Trabizian, Susan Tragmar, Marie Yates, Ruzita Parker, Griselda Pollock.

Conjunção e disjunção entre Teoria e Prática.

A MANEIRA DE RESUMO

Da arte, da Ciência, da Tecnologia, etc...

Atividades genéricas: termos em minúsculas: (pintura, fotografia, arte), com os paradigmas artísticos (termos em maiúsculas: Pintura, Fotografia, Arte).

Schlegel: “O característico, o interessante e o filosófico”, isto é, o **CONCEITUAL**.

FOTOGRAFIA: OBJETIVIDADE

PINTURA: SUBJETIVIDADE

Noções de “juízo e crítica”

“Arte é o que eu digo que é arte” _pós-estruturalista.

“A arte é o que está nos museus”

“O sujeito centrado em si mesmo”

“A obra se torna um texto com muitas interpretações possíveis”.

“A Conjunção substitui a subjetividade”

“A intersubjetividade substitui a subjetividade”

“O híbrido substitui o essencial”

“O transgenérico substitui o genérico”

“O Observador se transforma em leitor e a Representação se torna Apropriação”.

A Obra, O autor e o Museu.

A Arte, na pós – Modernidade, é um processo dialético, entre o Autor e sua Cultura através da Linguagem.

